



[Recensão a] Ribeiro, J. S. 2004 - Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado

Autor(es): Barradas, Carlos; Gomes, Carina Sousa

Publicado por: CIAS - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/29929>

Accessed : 19-May-2017 14:36:25

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



Antropologia Portuguesa

Volume 22-23 · 2005-2006

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

Dossier Temático

VIOLÊNCIA

Ribeiro, J. S. 2004. *Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado*. Porto, Edições Afrontamento. 202pp. (Biblioteca das Ciências Sociais/ Antropologia 10). ISBN 972-36-0719-0. € 10

“As imagens constituem excelentes instrumentos de trabalho e de investigação em ciências sociais, na compreensão das actividades humanas e dos processos de interacção social e com a natureza, na educação e na formação” (p. 183). É a partir da defesa desta ideia que José da Silva Ribeiro desenvolve o texto que aqui analisamos.

De acordo com o autor, o título deste trabalho – Antropologia visual – remete para questões distintas: o aspecto visual não pretende delimitar o campo da pesquisa, uma vez que não se restringe à fotografia, ao cinema e ao audiovisual. Pelo contrário, o visual relaciona-se “com as diferentes formas possíveis do «ver». Por fazer parte da cultura analisada antropológicamente, o visual refere-se às muitas linguagens que ele veicula...” e “aos diferentes géneros que podem utilizar as mesmas linguagens ou inventar outras novas...” (p. 12).

O subtítulo do trabalho – *Da minúcia do olhar ao olhar distanciado* – dirige-se, por sua vez, não só para uma descrição etnográfica profunda como, também, para um olhar distanciado e criativo e para todos os olhares que se cruzam e entrecruzam no processo de pesquisa.

A versão original do texto que José da Silva Ribeiro nos apresenta foi escrita no âmbito de um programa de mestrado na Universidade Aberta. Segundo o autor, a revisão desse texto impôs-se devido a dois factores principais:

1. O debate que o texto original provocou e, também, a evolução que a antropologia visual entretanto conheceu, tanto no contexto nacional como internacional;
2. A (re)contextualização do texto original a partir de dois pontos de vista: (1) situar historicamente três momentos cruciais no desenvolvimento da antropologia e das tecnologias da imagem e do som e (2) apresentar o contexto de realização deste trabalho.

Esta obra enfatiza três momentos essenciais na história do cinema e da antropologia: o primeiro que incide na segunda metade do século XIX e os segundo e terceiro, respectivamente, nas décadas de 1920 e de 1960.

O primeiro momento refere-se ao período em que a fotografia e o cinema surgem não só como invenções tecnológicas importantes, mas também contribuem para as ciências, para as artes e para a criação de novas relações entre elas. Este

período é marcado pela necessidade de documentar, ou seja, “de criar algo portador de informação, que traz em si a inscrição, o registo de um acontecimento, de uma realidade (ou realidades) observável e verificável” (p. 8).

No segundo momento, referente à década de 1920, emergem Robert Flaherty, Bronislaw Malinowski e Dziga Vertov ensaiando metodologias semelhantes de abordagem da realidade social. Robert Flaherty, com o filme *Nanook of the North*, através da observação, da imersão profunda na sociedade que está a ser observada, da permanência longa no terreno e do contributo dos observados na constituição do filme, rompe com o cinema de Hollywood e opõe-se-lhe.

Bronislaw Malinowski, por sua vez, desviou-se das práticas até então utilizadas convencionalmente pela antropologia ao empreender a deslocalização do antropólogo. O facto de ter contrariado a ideia vigente do *antropólogo de gabinete* tornou-o indubitavelmente um ícone da história e da construção da antropologia. A elaboração do texto etnográfico far-se-ia para além dos artefactos ou das entrevistas, com o *trabalho de campo* a assumir-se como elemento fundador de todo o processo.

Por fim, Dziga Vertov notabilizou-se pela defesa do cinema olhar, captando um mundo na sua essência, sem máscara, em oposição ao cinema de ficção. É o grande leque de possibilidades técnicas que motiva Vertov a iniciar esta viagem pelo cinema verdade, registando as várias facetas do real, adicionando e subtraindo elementos, tendo sempre em mente a superioridade do *olhar mecânico* em relação ao *olhar humano*. Esta defesa do olhar mecânico baseia-se nas possibilidades de organização das percepções que ele oferece, “esquematisando [...] os processos inacessíveis ao olhar humano” (Vertov cit. Granja, 1981: 45).

Dir-se-á, assim, que este período, marcado indelevelmente por estas figuras incontornáveis, tem também uma forte componente associada à crescente relevância adquirida pela linguagem cinematográfica e pelo discurso da antropologia.

Por último, no terceiro período, que ocorre desde o início da década de 1960, surge Jean Rouch, personalidade fundamental na história do cinema e da antropologia, cuja influência se sente até aos dias de hoje. Não se confinando às práticas cinematográficas correntes, usou-as como um registo científico fundamental não descurando a sua vertente poética.

É a sua ideia de relação dinâmica entre observador e observado que vai alterar radicalmente o tipo de documentário feito até ao momento. A noção de *câmara participante*, dotada de mobilidade na mão do operador, possibilita um contacto mais autêntico com o real observado, permitindo “penetrar na realidade mais do que deixá-la desenrolar-se diante do observador” (p. 90).

José da Silva Ribeiro interroga-se, agora, sobre a existência de um quarto momento nesta história de paralelismos entre a antropologia e o cinema. Um momento provocado pela emergência dos novos media digitais que, numa sociedade do conhecimento, diluindo as fronteiras e incorporando todos os media anteriores, poderão trazer novos desafios a esta história.

O uso das imagens na antropologia acompanha as inovações tecnológicas, que vão permitindo ou limitando o seu avanço. Daí que a história, por um lado, do uso das imagens na antropologia e, por outro, do desenvolvimento tecnológico, se confundam.

A utilização do filme etnográfico e das *práticas audiovisuais* é cada vez mais aceite nos meios científico e universitário mas não adquiriu ainda, segundo o autor, o estatuto que a escrita detém. O reconhecimento destes métodos tem sido progressivo mas lento.

Em jeito de conclusão, José da Silva Ribeiro refere algumas das mudanças que têm vindo a ocorrer neste contexto: (1) criação de associações de antropologia visual que visam, além de produzir, adquirir e divulgar o filme etnográfico, apoiar a formação e a comunicação entre antropólogos; (2) realização de seminários e fomentação de redes de contacto entre investigadores; (3) organização de mostras, festivais e ciclos de cinema; (4) criação de laboratórios de pesquisa e produção; (5) generalização dos *ateliers* pessoais e das microempresas de produção e (6) apresentação de alguns resultados em forma de trabalhos académicos.

Toda a parte conclusiva nesta obra é pautada por pareceres do autor a vários níveis, principalmente, no que respeita à necessidade de organizar programas de formação, de nível inicial e avançado, sobre a utilização da imagem na Antropologia Visual. As suas sugestões vão, ainda, no sentido da necessidade de formar professores neste domínio do conhecimento para que as práticas educacionais se diversifiquem e tornem mais criativas.

A nosso ver, o livro merece alguns reparos tendo em conta o que julgamos ser os seus limites. O primeiro que apontamos prende-se com uma exacerbada atenção nos aspectos técnico-práticos que rodeiam a utilização dos meios humanos e tecnológicos utilizados na produção de narrativas visuais. Cremos, assim, que apesar de algumas referências incontornáveis ao longo do livro, existem descrições demasiado longas e esquematizadas, que tendem a minimizar um pouco daquilo que é *o trabalho de campo* do antropólogo, nas dimensões associadas à sua experiência no terreno e consequentes respostas, por vezes irreflectidas, a estímulos exteriores.

No entanto, a grande valência desta obra situa-se fundamentalmente no aspecto de que é simultaneamente um grande e fiel repositório não só da história

que sustenta e compõe a antropologia visual tal como nos é apresentada hoje, bem como de um olhar, essoutro direccionado em frente, para as novas formas, conceitos e apropriações disponíveis numa panóplia de transformações tecnológicas que permitem, em última instância, a captação de novos públicos para a antropologia. A sua vertente inovadora, olhando para o passado em busca de referências, torna este livro um óptimo e claro manifesto reivindicativo dirigido ao redireccionamento e valorização das práticas antropológicas utilizando recursos audiovisuais.

Outras referências:

Granja, V. 1981. *Dziga Vertov*. Lisboa, Livros Horizonte.

Carlos Barradas

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087
3001-401 Coimbra
barradas@ces.uc.pt

Carina Sousa Gomes

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087
3001-401 Coimbra
carina@ces.uc.pt

Silva, M. O. 2005. *Sete teses sobre o aborto*. Lisboa, Caminho. 134 pp.
ISBN 972-21-1746-7. € 7,35

Este livro foi publicado pouco antes do segundo referendo sobre a despenalização da Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG) em Portugal, cujo resultado foi uma vitória do Sim à despenalização com 59,25 por cento dos votos enquanto que o Não à despenalização perdeu com 40,75 por cento dos votos. A abstenção cifrou-se num total de 56,40 por cento do total dos/as votantes inscritos/as. Num contexto no qual não se conseguia descortinar a intenção de voto mais generalista dos cidadãos portugueses, Miguel Oliveira da Silva, um obstetra-ginecologista pertencente ao Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida e docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa nas disciplinas de Ética Médica e Filosofia do Conhecimento, propôs-nos este livro como algo que poderia contribuir para um esclarecimento pessoal sobre uma matéria de moldes tão complexos.